

PAIXÃO BANDIDA: Mulheres que amam demais¹

Luciana Cuñarro Piffer²

Patrícia Rangel Moreira Bezerra³

ESPM, São Paulo, SP

RESUMO:

Como explicar um comportamento que desafia a razão? As três mulheres que aparecem nesse projeto namoram ou são casadas com homens que, no momento, estão presos. É certo que as mulheres que se apaixonam por assassinos de algum modo acreditam que podem mudar estes homens. E as cartas amorosas são um forte elo de ligação entre eles. Além de traçar o perfil de criminosos que matam mulheres, o documentário de rádio, sem tabus ou juízo de valor, discute o porquê estes homens são tão atraentes a alguns olhos femininos. A especialista em criminologia Ilana Casoy e o psiquiatra Guido Palomba balizam o entendimento do assunto e o perfil destas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Criminosos; amor bandido; cadeia; documentário de rádio.

1 INTRODUÇÃO

A peça radiofônica “**PAIXÃO BANDIDA: Mulheres que amam demais**” foi produzida para o PGJ – Projeto de Graduação em Jornalismo, com o objetivo de trabalho de conclusão de curso da ESPM. Trata-se de um documentário de 17 minutos de duração, sem divisão de blocos, que reflete as razões que levam algumas mulheres a se apaixonarem por criminosos.

O rádio foi o veículo escolhido para produzir o documentário “**PAIXÃO BANDIDA: Mulheres que amam demais**”. Não só pela capacidade de amplitude do rádio na veiculação de informações, mas também por este veículo poder ainda manter o anonimato das mulheres que relataram suas histórias e desta forma, conseguir deixá-las mais à vontade. Com o formato de documentário radiofônico, pudemos aprofundar o debate acerca de tema tão delicado, quase tabu na sociedade. Para BARBOSA FILHO (2009), o documentário de rádio tem como função aprofundar a análise de um tema, mesclando

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade RT 01 Programa laboratorial de áudio (avulso ou seriado).

² Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: piffer.lu@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: patricia.rangel@espm.br

pesquisa documental e análise dos fatos *in loco*, sendo realizado por meio de montagem (edição final).

O documentário tem um elemento humano que dá ao ouvinte a chance de interpretar a realidade sozinho, do que ser simplesmente informado sobre ela. Um bom documentário pode mudar nossa percepção da realidade. O jornalista Paul Chantler ao comentar sobre a construção de documentário em rádio, diz que:

A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas ideias e interesses. (Paul CHANTLER; HARRIS, 1998, apud ASSUMPCÃO)

No documentário temos a oportunidade de utilizar todos os recursos da linguagem radiofônica como: *música, canção, trilha, efeito sonoro, oralidade* (palavra falada) e até alguns tons de ficção para intensificar depoimentos, reconstituindo fatos e, claro, para causar mais emoção ao ouvinte. A música, por exemplo, integrante dos elementos da linguagem de rádio, é segundo Balsebre (1996, p. 333), um elemento constituinte da linguagem radiofônica e possui função expressiva. A música pode ser utilizada com a intenção de imprimir emoções, potencializar a dramaticidade da voz ou criar paisagens sonoras que podem sugerir múltiplas imagens sensoriais ao ouvinte. No documentário “**PAIXÃO BANDIDA: Mulheres que amam demais**” utilizou-se todas as técnicas sonoras, experimentando, desta forma, narrativas variadas.

1.1 Cegueira Emocional e o Mito da Salvação

Ao contrário do que muitos pensam a violência contra a mulher não acontece apenas em lugares de baixa renda, com as classes pobres, mas sim com toda a sociedade. Considerada uma violação dos direitos humanos nas sociedades democráticas, geralmente esse tipo de violência ocorre entre homens e mulheres que possuem ou possuíram algum tipo de intimidade: namorados, cônjuges, companheiros.

Na maioria das vezes, a intenção do homem com a violência não é matar e sim intimidar a mulher, para que ela fique submissa e atenda a seus desejos e intenções, para tê-la sob seu controle. E, por ter intimidade com ela, e conhecê-la bem, o agressor sabe como agir para atingir a vítima, que se torna mais vulnerável aos seus ataques (TELES; MELO, 2003).

Segundo Ilana Casoy, uma das maiores especialistas em criminologia do Brasil, o perfil de criminosos sexuais e assassinos em série são homens, brancos, entre 20 e 30 anos, vindos de famílias desestruturadas, com um passado sofrido, possivelmente com abusos e maus-tratos na história. “É raro um (*serial killers*) que não tenha uma história de abuso ou negligência dos pais. Isso não significa que toda criança que tenha sofrido algum tipo de abuso seja um matador em potencial”. (CASOY, 2002, p.18)

São homens que provavelmente não tiveram figuras paternas dentro ou fora de casa. Não só não tiveram como os próprios pais podem ter molestado e abusado - fisicamente ou psicologicamente - quando esses eram meninos. Estudos mostram que 82% deles sofreram algum abuso quando crianças. Ainda segundo Casoy, existem três componentes no passado desses criminosos que costumam determinar uma possível entrada ao mundo do crime: “urinar na cama (chamada de enurese noturna) após a idade limite, destruição de propriedade alheia e crueldade com animais e outras crianças”. (CASOY, 2002, p.161)

Além de apenas traçar o perfil desses criminosos, temos que entender o porquê eles são atraentes a alguns olhos femininos. Aqui entram duas categorias para balizar esta importante questão: mídia e sedução. Mídia, primeiramente, pois um criminoso que aparece e é noticiado mais do que uma vez pela massa – TV, rádio, internet, jornais – tem mais chances de receber atenção, cartas e visitas. Francisco de Assis Pereira, que ficou conhecido como o maníaco do parque, é, desde sua prisão, um dos criminosos mais famosos do Brasil e recordista absoluto de recebimentos de cartas na prisão. Em seu primeiro mês preso, recebeu mais de mil cartas de amor. O maníaco do parque estuprou e matou pelo menos seis mulheres e tentou assassinar outras nove em 1998. Ele chegou a se casar com Marisa Levy, mulher de 60 anos que se sentiu atraída por Francisco depois de vê-lo uma vez na TV.

Ela enviou uma camisa pra ele e não obteve resposta; pensou que não tinha recebido ou gostado. Até que então, mais de três anos depois, o viu usando sua camisa em uma entrevista; assim, voltou a fazer contato com ele por meio de cartas, no qual foi correspondida. Um tempo depois, se casaram.

Porém, apenas a mídia não é o bastante. O jornalista Gilmar Rodrigues conta em seu livro (2009, p. 148) o caso de um criminoso sexual que apareceu várias vezes em programas de TV e, durante esse período, não recebeu nenhuma carta ou mensagens de amor, totalmente diferente do que aconteceu com o Maníaco do Parque, em que meninas iam até a cadeia, fingindo serem suas vítimas, apenas para conhecê-lo. Francisco tinha um poder de

sedução inigualável, no qual usava para levar suas presas para o meio do nada para abusar e por fim, matá-las.

Da mesma maneira que os bandidos têm perfis bem específicos, as mulheres que se envolvem com eles também têm. De acordo com a entrevista feita com o psiquiatra Guido Palomba para esse projeto, essas mulheres têm passados tristes e sofridos, já tiveram relacionamentos abusivos com companheiros e a autoestima delas é praticamente inexistente. Acreditam serem inferiores aos outros e, por isso, não tentam fugir e até acham que merecem estar naquela relação.

Nenhuma dessas cartas que eu li - e foram muitas - eram cartas de pessoas com nível cultural e afetivo superiores ou maduros. Eram sempre cartas infantilizadas, às vezes usando papéis com florezinhas e bichinhos, ainda que se declarassem com uma idade não mais de adolescente ou criança. Há uma certa imaturidade mental dessas pessoas. (PALUMBA, 2015)

E a classe social não é tão limitada; por mais que a maioria seja de classe baixa, muitas mulheres de classe média e alta são seduzidas por eles, mas de maneira diferente: essas costumam trabalhar dentro do presídio, como psicólogas, assistentes, advogadas. Para elas, assumir uma relação dessas é muito mais problemático pela falsa acusação de que “atração por criminosos é coisa de pobre”.

Não se pode julgar a atração por si só, pois a mesma obedece a impulsos incontroláveis. Mas, essas mulheres, acreditam não só que não merecem algo melhor, como também acreditam na mudança e salvação desses homens acusados; ou seja, são seduzidas pela boa lábia deles – mais uma vez, a sedução tem uma papel significativo.

O filósofo e professor Eduardo Oyakawa também em entrevista para esse projeto, acredita que a aventura e adrenalina que se tem no dia a dia de se relacionar com um preso é sedutor. “A ideia do preso é a ideia do transgressor. Aquele que rompe com as convenções sociais. Isso tem um apelo para dois segmentos: jovens e mulheres. O transgressor oferece um estímulo que nos faça sair do cotidiano, que é previsível e nos traz tédio. Ter um relacionamento com homem assim é promessa de aventura e adrenalina pura”.

Ele também comenta do amor dessas mulheres, que são vistas como loucas pela sociedade e infantis pela psiquiatria: “Amor é o afeto mais extraordinário da condição humana, porque significa doação para o outro. Numa sociedade como a nossa, individualista, onde o amor cabe em nossas relações interpessoais? Quem vai deixar uma projeção de vida para estar com você? Saber que o amor da vida delas a espera na cadeia, dá um sentimento existencial, força para lutar” (OYAKAWA, 2015).

Quase todas as mulheres que se apaixonam por presos tiveram vidas sofridas e instáveis, seja por questões econômicas ou sociais. A maioria sofreu emocionalmente, com relacionamentos passados abusivos, não só com maridos e companheiros, mas também do próprio pai na infância.

Palomba explica que elas acham que podem modificar os criminosos. “Pessoas dotadas de uma inocência também infantil. Achavam que com a atuação delas, iriam mudar pessoas que são absolutamente imutáveis, do ponto de vista criminológico”. Mesmo aquelas que acreditam na culpa de seu companheiro, tentam ignorar e deixar para trás o que já passou. Da mesma forma, o jornalista Gilmar Rodrigues afirma:

Para a grande maioria, mesmo considerando os maridos e namorados culpados, para elas os crimes não tem importância, o que importa é que o sujeito é um novo homem. Aquele que matou, estuprou, abusou não existe mais na cabeça delas. Sentem-se confiantes que podem consertar seus homens, que podem transformar um sociopata, um bandido, num ser maravilhoso. (RODRIGUES; 2009, p. 49)

Que mulheres são essas que amam matadores de mulheres? Como explicar um comportamento que desafia a razão? Muitas vezes, para entender essas situações, é preciso abrir mão da lógica que usamos para pensar sobre o ser humano. É certo que as mulheres que se apaixonam por assassinos em série de algum modo acreditam que podem salvar estes homens de sua monstruosidade. Certamente sentem-se destemidas e diferentes das demais e, assim, se entregam a um objetivo claro, quase uma missão de mudar este homem.

É a cegueira emocional, que quase sempre apresenta uma mulher com baixa estima extrema amargura na vida e um desejo insano de modificar o companheiro, para que, conseqüentemente, sintam-se poderosas. Saber que o amor da vida delas a espera na cadeia, dá um sentido existencial, força para lutar.

2 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar o fascínio da mulher por homens acusados de assaltos, homicídios, tráfico de drogas, estupros, entre outros crimes.

Objetivos Específicos

- Pesquisar onde começou o fascínio de mulheres por homens criminosos;
- Entender o perfil de criminosos sexuais e assassinos em série voltados às mulheres;
- Refletir por que mulheres se encantam por esses homens;
- Produzir um documentário de rádio sobre essas mulheres que mantêm um relacionamento com detentos.

3 JUSTIFICATIVA

O Brasil, mais do que nunca, está avançando com suas leis e penalidades para crimes contra a mulher. Em uma sociedade onde o número de feministas cresce e o estupro e violência doméstica é considerado cada vez mais repugnante, entender como algumas mulheres se apaixonam e escolhem ficar com um criminoso que atuou contra a mulher é necessário.

De acordo com um estudo⁴ realizado pela ONU Mulheres em 2013, 35% das mulheres no mundo já vivenciaram violência sexual ou psicológica de homens. Cerca de 120 milhões já foram forçadas a fazer sexo ou atos sexuais. No Brasil, em 2013, o número de casos de estupro aumentou em relação ao ano anterior, segundo estudo do 8º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, contabilizando 50.320 casos. Entretanto, apenas 35% das vítimas costumam denunciar à polícia; então é possível que tenha ocorrido mais de 143 mil estupros.

O tema é inédito; muito se fala sobre violência contra o sexo feminino, pouco se fala das mulheres que aceitam o papel de companheira desses criminosos. O livro “Loucas de Amor: Mulheres que Amam *Serial Killers* e Criminosos Sexuais”, do jornalista Gilmar Rodrigues, é o único livro que aborda o tema no Brasil, e inspiração para este projeto.

Por se tratar de um tema pouco estudado, impressiona que esse tipo de envolvimento é mais comum do que se imagina: Maníaco do Parque, em seu primeiro mês preso em 1998, recebeu mais de mil cartas de amor de mulheres, tendo até se casado com uma delas nesse meio tempo (motivo pelo qual o jornalista Gilmar Rodrigues resolveu estudar o assunto de perto).

⁴ Estudo da ONU MULHERES - Violência contra Mulheres – Disponível em <http://www.unwomen.org/en/what-we-do/ending-violence-against-women/facts-and-figures>. Último acesso: 02 de abril de 2016.

Faz-se relevante entender os motivos que levam a mulher ter fascínio pelo homem que comete violência contra o sexo feminino. Entender quais são as razões é de relevância social, pois a violência e humilhação faz parte do dia a dia de muitas e, mesmo assim, algumas produzem certo “encantamento” por esses homens.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a produção do projeto, foram cumpridas as seguintes etapas: Análise do material disponível sobre o tema; o livro de Gilmar Rodrigues, que foi o motivo pelo qual a ideia do TCC tomou corpo, me levou a conversar com o autor, que foram balizantes para o projeto. Por ter estudado o assunto por quatro anos, ele trouxe muito conteúdo e tópicos para o produto final. Visita à prisão; a fila da prisão foi escolhida depois de uma extensa pesquisa sobre o tema, onde vi que a maior concentração de mulheres parceiras de homens presos é encontrada nas filas desde madrugada de sábado. As mulheres entrevistadas para dar vida e argumentos para o projeto foram: Tainá, Brenda e Carla. Moças jovens, bonitas, que acreditavam que seu amor seria o bastante para tirar seus amados da vida bandida. Foram entrevistados também especialistas na área, como Ilana Casoy e Guido Palomba.

O contato com especialistas foi essencial para a qualidade e rumo do projeto, tentando entender o assunto como um todo. As cartas descritas no projeto escrito e radiofônico foram extraídas do livro de Gilmar Rodrigues e pesquisas, onde se vê claramente a forte ligação entre as mulheres e presos. No projeto final, foi apresentado as várias faces do assunto, com imparcialidade. Na construção da notícia é preciso estar sempre atento para que aspectos da realidade não sejam ocultados nem silenciados. (VIZEU e CORREIA, pág. 16. 2008). As entrevistas foram feitas pessoalmente e por telefone entre agosto de 2014 e maio de 2015. O processo de edição ocorreu durante todo o mês de junho.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Trata-se de um radiodocumentário com 17 minutos e 20 segundos de duração, sem intervalos. Não é dividido em blocos, mas segue uma sequência de assuntos para ficar organizado. As músicas no estilo sertanejo no começo e final do projeto foram para tirar um pouco do peso do assunto e mostrar que nem tudo é o que parece e que é possível não fazer pré-julgamentos, ou juízo de valor e sim esperar pelos argumentos e discussão do assunto.

Durante o áudio, as músicas foram escolhidas de acordo com o tópico, falas e entrevistas. Segundo Armand Balsebre, através do ritmo e da harmonia da música:

É possível utilizar a música de forma “expressiva quando o movimento afetivo da música cria ‘clima’ emocional e ‘atmosfera’ sonora, e descritiva quando o movimento espacial que denota a música descreve uma paisagem.”(BALSEBRE, 2005, p. 333)

Começo o projeto fazendo uma abertura ao assunto e explicando sobre as mulheres, as filas das prisões e sobre o que será falado nos próximos quase 20 minutos. Especialistas são trazidos para debater ou concordar com o que é dito pelas três mulheres protagonistas, namoradas e esposas de presos.

Para quebrar o entrelace entre *offs* e sonoras dos entrevistados, resolvi colocar duas interpretações de cartas dramatizadas e sonorizadas com detalhes para que o ouvinte sentisse a emoção do conteúdo destas. Após a seleção das duas cartas, foi realizada uma pequena adaptação exclusivamente para leitura, para que a locutora atingisse uma boa interpretação. O desenvolvimento se dá por uma narrativa com forte carga emocional e aproveitamento de recursos técnicos.

A sonorização das cartas é fundamental para a narrativa, já que a música e os efeitos sonoros precisam se encaixar perfeitamente para que os fatos se desencadeiem e que consigam sensibilizar o ouvinte. A narração é feita em primeira pessoa com o intuito de despertar emoções e colocar o ouvinte no clima da produção. A interpretação das cartas, apesar do sentido ficcional, chama a atenção, por terem sido escritas por mulheres reais, com histórias de vida reais, apaixonadas por um “amor bandido”.

6 CONSIDERAÇÕES

A produção do radiodocumentário **PAIXÃO BANDIDA: Mulheres que amam demais**”, trabalho de conclusão de curso de Jornalismo pela ESPM-SP, ocupou meu tempo durante os dois semestres letivos de 2015. Todo o processo de investigação, apuração e criação do produto jornalístico foi uma oportunidade de aplicar tudo que aprendi durante os semestres anteriores no curso de jornalismo.

Fazer um projeto com um assunto tão delicado, me fez sentir que estava fazendo um bom trabalho desde o começo, especialmente porque consegui praticar a isenção, abordar o tema sem juízo de valor, umas das premissas da profissão de jornalista. O contato com os

especialistas e especialmente com as mulheres que participaram deste projeto, foi bastante gratificante e um aprendizado único acerca do tema e também de entendimento de questões sociais.

Mais do que fazer um trabalho sobre um assunto que me interessa, é saber que também interessa aos outros e que sua relevância é necessária. Certos assuntos são vistos como tabus, como se não devessem ser comentados nem em uma roda de amigos. Dar vozes a essas mulheres e desmitificar o peso que existe sobre essa situação é necessário para que julgamentos errados e precoces não sejam feitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALSEBRE, Armand. **A linguagem radiofônica**. In: MEDITSCH, Eduardo (org). Teorias do rádio. Florianópolis: Insular, 2005. p. 327-336.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2009.

BENEVIDES, Maria Victoria. **Violência, povo e polícia (violência urbana no noticiário de imprensa)**. São Paulo, Brasiliense/Cedec, 1983.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. Editora Summus, 1998.

CASOY, Ilana. **Serial killer – louco ou cruel?** São Paulo, WVC, 2002.

OMS (Organização Mundial de Saúde). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra, 2002.

PAIXÃO, Patrícia. **Jornalismo Policial: Histórias de quem faz**. São Paulo, 2011.

PORTO, M. S. G. **Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea**. Porto Alegre, 2002.

RODRIGUES, Gilmar. **Loucas de Amor**. São Paulo, Editora Ideias a Granel, 2009.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense, 2002.

SITES

Direitos humanos: classificação dos tipos de violência contra a mulher e diplomas legais de amparo e prevenção. In: Âmbito Jurídico, 2012. Disponível em www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12273. Acesso: 10 de Out. 2014.

Facts and Figures: Ending Violence against Women. In: UN Women, 2014. Disponível em www.unwomen.org/en/what-we-do/ending-violence-against-women/facts-and-figures>. Acesso: 11 de Nov. 2014.

MADEIRO, Carlos. **Brasil tem 50 mil casos de estupros por ano; Roraima lidera ranking.** In: UOL, 11 de novembro de 2014. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/11/11/pais-tem-50-mil-pessoas-estupradas-por-ano-roraima-lidera-ranking.htm>>. Acesso: 14 de Nov. 2014.

O que é violência sobre as mulheres. In: CPLP, 2013. Disponível em <http://naovienciacontramulheres.cplp.org/paginas/o-que-e-a-violencia-sobre-as-mulheres>>. Acesso: 13 de Nov. 2014.